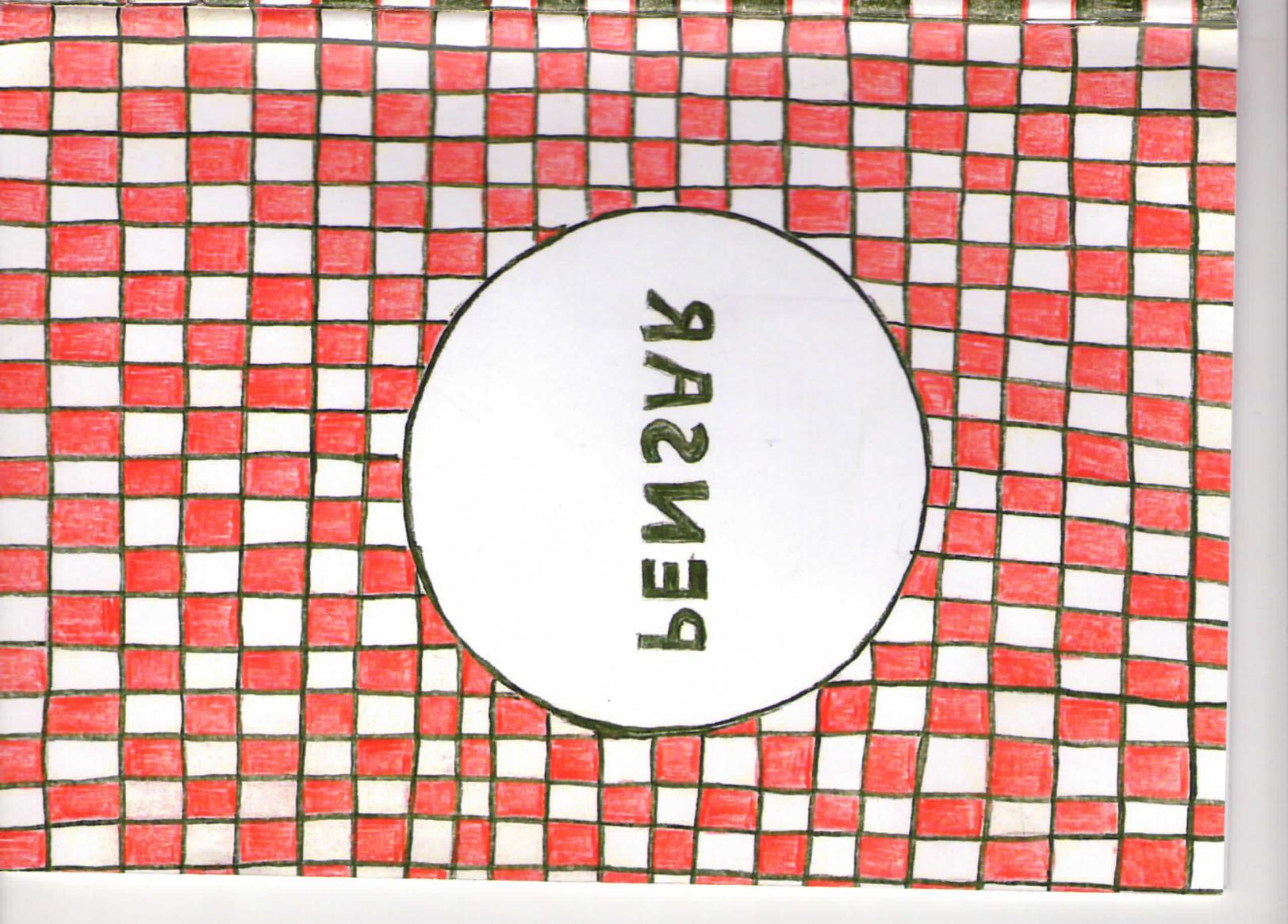




PENSAR



РАЗМЯЧ

Jens Soentgen

PENSARI

para jovens pensadores



Tradução de: *Selbstdenken! : 20 Praktiken der Philosophie*
Capítulos: *Autoritäten, Provokieren, e Logik* [parcial]

Tradução

Luciana Dabdab Waquil

Introdução

Draiton Gonzaga de Souza

Capa

Katharina Immekus

Organização

Goethe-Institut Porto Alegre

Goethe-Institut Porto Alegre

Rua 24 de Outubro, 112

90510-000 Porto Alegre

(511) 2118-7800

bibl@portoalegre.goethe.org

www.goethe.de/portoalegre

Porto Alegre 2008



GOETHE-INSTITUT
PORTO ALEGRE

Sumário

Introdução	
Filosofia e cotidiano (Draiton Gonzaga de Souza)	5
Autoridades	9
Provocar	21
Lógica	31

Introdução

Filosofia e cotidiano

Draiton Gonzaga de Souza
Diretor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da PUCRS

Os três textos do filósofo alemão Jens Soentgen reunidos nessa coletânea - "Autoridades", "Provocar" e "Lógica" - são um convite a pensar por si mesmo, ou, como diríamos em linguagem coloquial, a pensar com a própria cabeça, sem ser conduzido por outrem. O autor aborda temas de grande relevância filosófica em linguagem acessível, não apresentando soluções prontas para os problemas lançados, mas, ao contrário, convidando os leitores a refletir sobre os mesmos, seguindo o mote do pensamento kantiano, segundo o qual não aprendemos filosofia, mas sim a filosofar. Cite-se aqui a frase lapidar de Kant: "Esclarecimento é saída do ser humano de seu estado de menoridade, do qual ele mesmo é culpado". A maioridade é marcada, segundo ele, pela ousadia de pensar por si mesmo (autonomia).

Os temas tratados na presente obra fazem parte do nosso cotidiano: constantemente nos deparamos com provocações e autoridades, além de usarmos sempre (ou quase sempre) a lógica. E a tarefa da Filosofia é fazer com que reflitamos sobre questões que dizem respeito à nossa vida cotidiana e, nessa tarefa, podemos contar

com a ajuda de pensadores que, como Jens Soentgen, nos introduzem, com grande competência e sensibilidade, nessa nova forma de ver as questões da existência humana, que dizem respeito a cada um. Para a Filosofia, não basta viver; é necessário também saber por que vivemos.

No entanto, a relação da filosofia com a vida cotidiana é muitas vezes problemática: encontramos uma postura cética de ambos os lados: tanto da parte de filósofos como pelo lado das pessoas em geral. Alguns pensadores consideram que a filosofia não diz respeito ao grande público, estando reservada a um grupo diminuto de eleitos, que atuam nas Universidades e dominam idiomas como o grego, o latim e o alemão. A sociedade, por seu turno, pergunta-se: para que filosofia na vida cotidiana? Ambas atitudes parecem equivocadas: tanto a agorafobia de certos filósofos como a indiferença e até desprezo da esfera pública em relação à filosofia.

Para muitos, a filosofia é considerada algo abstrato, incompreensível, inútil e sem relação alguma com a vida concreta. O filósofo nefelibata não se preocupa com as coisas cotidianas, andando sempre nas nuvens. Essa crítica em parte é procedente, pois de fato existem puristas que não admitem a filosofia se misturar com problemas concretos, ousando deixar a torre de marfim acadêmica e envolver-se no debate acerca de questões atuais.

Os puristas, no entanto, parecem esquecer que a filosofia não nasceu na Universidade. Enquanto esta surgiu no século XIII, aquela já existia desde o século VII a.C. Com o passar do tempo, a discussão filosófica concentrou-se cada vez mais nos intramuros acadêmicos, afastando-se do lugar onde nascera, a praça pública. Isso se deveu ao processo de profissionalização do filósofo e também à postura de alguns pensadores, que passaram a usar uma linguagem tão hermética, inacessível até para os próprios filósofos, chegando, inclusive, no século XIX, a proclamar a morte da filosofia. Nos últimos tempos,

porém, parece diminuir a distância abissal entre filosofia e vida pública. E os textos de Jens Soentgen, que é formado em Filosofia e em Química, representam, sem dúvida alguma, uma bela contribuição na superação desse abismo.

Autoridades

Por que acreditamos naquilo em que acreditamos? Em suas cartas a uma princesa alemã, o matemático Leonhard Euler [1707-1783] distingue três tipos de «verdades»:

1. As coisas em que acreditamos porque nós mesmos as observamos.
2. As coisas em que acreditamos porque as deduzimos através de reflexão.
3. As coisas em que acreditamos porque outros nos relataram.

Essa distinção era amplamente difundida na época do Iluminismo. E, desde então, sobretudo as convicções do primeiro tipo gozam de um prestígio especial: aquilo que a gente mesmo viu, ouviu ou sentiu, a gente sabe que é verdade. Também a própria reflexão é uma bela coisa. Em compensação, as convicções do terceiro tipo são algo de terceira classe. Coisas em que acreditamos apenas porque outros nos disseram são contestáveis. Como saber se aquilo que outros dizem é mesmo verdade?

Considerando isso, é estranho que a maioria das convicções que nutrimos não sejam nem do primeiro, nem do segundo tipo, mas do terceiro. Na grande maioria das vezes, acreditamos em coisas não pelo fato de as termos nós mesmos verificado ou visto, mas porque outros nos disseram. Nesse sentido, podemos dizer sem exagero que nossa concepção de mundo se baseia no ouvir dizer. Nós só sabemos

que o sol é maior do que um monte de feno ou que o homem descende do macaco e não do tamarandá - o que também seria possível -, porque lemos ou ouvimos que seja assim. Desde cedo, a criança confia naquilo que a mãe ou o pai lhe dizem. Mais tarde, então, confia no professor do colégio, depois no mestre da universidade e, finalmente, no jornal. Quando velhos, muitos declaram, então, que não acreditam mais em ninguém, que não confiam em ninguém - a não ser em seu cão. Ai o pêndulo vai na outra direção.

A princípio, é bastante razoável confiar nos outros e, muitas vezes, não há outra alternativa além dessa. O modo mais fácil de decidir o que pensar de uma determinada coisa é examinar aquele que a relata. Uma idéia que vem escutada por uma boa companhia é tão recomendável como uma pessoa que nos é apresentada por um amigo.

Clássicos e chefes de tribos polinésias

Pode-se buscar deliberadamente uma boa companhia para a própria opinião, isto é, ligá-la a pessoas ou instituições em que aquele que se tenta convencer confia. A designação clássica desse procedimento é *argumentum ex autoritate* - fundamentação através da referência a alguma autoridade. Autoridades são pontos de ancoragem para opiniões. Em publicidade fala-se, nesse sentido, de >Testimonials< [recomendações]: pessoas famosas fazem, assim, propaganda para um determinado produto. Naturalmente, é preciso que exista uma ligação consistente entre a pessoa e o produto. Não é qualquer pessoa que combina com qualquer declaração.

Por exemplo, seria de pouca valia para uma tese filosófica se Michael Schumacher a usasse impressa em seu boné de Fórmula 1. Cada comunidade tem suas próprias autoridades. Na filosofia, elas são os *clássicos*. Eles fizeram sua corrida em dias passados e saíram

vitoriosos das contendas. Mesmo que os clássicos, normalmente, sejam pessoas que já morreram há muito tempo, uma tese tem seu trânsito facilitado no debate filosófico se puder ser colocada em relação com Kant ou Platão.

O culto aos clássicos, entretanto, nos leva a esquecer o fato de que, frequentemente, são casualidades que fazem de um pensador um clássico e deixam que outros caiam no esquecimento eterno. Uma vez que uma pessoa tenha conquistado um lugar na memória coletiva, então sua contribuição se torna, com o tempo, cada vez mais significativa. Karl Marx [1818-1883] é um exemplo disso: diversas frases que fizeram história são atribuídas a ele. Por exemplo, aquela da religião como o «ópio para o povo», ou os *slogans* «Os trabalhadores nada têm a perder, exceto seus grilhões» ou «Proletários de todo o mundo, uni-vos!». A crença geral é de que estas sentenças mundialmente conhecidas foram cunhadas por ele. Mas, na verdade, todas essas citações provêm de outros: a frase da religião remete ao poeta Novalis [1772-1801], a frase dos grilhões, ao revolucionário francês Jean-Paul Marat [1743-1793] e a última citação é de Karl Schapper [1812-1870], um pouquíssimo conhecido contemporâneo e companheiro de lutas de Karl Marx. Mas por terem sido usadas por Marx, leitores posteriores as creditaram na conta do filósofo, enquanto seus verdadeiros autores caíram no esquecimento. Dessa forma, os lampejos de espírito de pessoas famosas tornam-se, após sua morte, cada vez mais numerosos.

Clássicos são, portanto, *em parte*, produtos artificiais. Eles são colocados pelas gerações posteriores em cima de pedestais e parecem mais grandiosos do que realmente foram. E existem até mesmo autoridades que são completamente produtos da invenção. O velho e bom Dr. Sommer (dando conselhos ininterruptamente desde 1969) é um exemplo. Conforme se sabe, ele coloca seus conselhos à disposição em uma revista para adolescentes, respondendo a

perguntas do tipo: «Papaz: Socorro, estou desenvolvendo seis! Por trás do nome >Dr. Sommer< não se encontra uma pessoa, mas uma equipe cambriante de redatores e psicólogos. A revista, atualmente, não faz mais nenhum segredo desse disarce.

Espectacular é o caso de «Tuiavii, chefe de uma tribo polinésia», cujas idéias foram publicadas no livro *Der Papalagi (O Papalagi)*. Tuiavii tem um olhar crítico, a partir do ponto de vista de um insulano, em relação aos europeus [os «Papalagi»]. E o nativo de nome exótico e estilo singular não economizou munição. Sobre os livros, escreveu: «É terrível e funesto que todas as idéias, independentemente de serem boas ou ruins, sejam imediatamente lançadas sobre finas telas brancas. >Elas são impressas<, diz o Papalagi.... Várias telas de idéias são, então, comprimidas em feixes - >livros< denomina-as o Papalagi - e enviadas para todas as partes do grande país. Todos os que consomem essas idéias logo se contagiam. E essas telas de idéias são ingeridas como bananas doces, elas podem ser encontradas em todas as cabanas, são acumuladas em grandes baús cheios delas, sendo que velhos e jovens as mordiscam como ratos a cana-de-açúcar. Por isso é que tão poucos conseguem ainda pensar razoavelmente, com idéias naturais, como as de qualquer samoano que se preze.

Além disso, é óbvio que ele se sentia incomodado com o dinheiro: «Fale a um europeu sobre o deus do amor e ele fará caretas e irá sorrir. Sorrir da ingenuidade do seu pensamento. Mas dê-lhe uma peça de metal redonda e reluzente ou um papel grande e pesado - então imediatamente brilharão seus olhos e a saliva lhe assomará aos lábios. O dinheiro é o seu amor. O dinheiro é a sua divindade.»

Isso soa, apesar do estilo infantil de escrever, um tanto antiquado e conservador, mas não impediu o sucesso do *Papalagi*, que se transformou em uma bíblia do movimento ecológico e vendeu milhões de exemplares. Hoje está comprovado que os discursos não são absolutamente de um habitante da Polinésia, e sim obra de Erich

Scheurmann (1878-1957), que se camuflou na capa do livro como «organizador». Ele viajou no ano de 1914 para Samoa, onde passou não mais do que um ano, retornando, então, após passar pelos Estados Unidos, para a Alemanha, onde publicou o *Papalagi* no ano de 1920. Nele propagou teses de *Kulturkritik* (crítica cultural), conforme estava em voga na época. O sucesso, de início, foi pequeno. Mas, nos anos setenta, as telas de idéias de Scheurmann se transformaram em *bestseller*. A editora conquistou muito papel pesado e metal redondo e fez de tudo para encobrir a etiquetagem enganosa. Pois é muito mais interessante quando o chefe de uma tribo dos Mares do Sul se queixa da Europa do que se isso for feito por um mero alemão cansado da civilização. Foi somente com a invenção do chefe Tuiavii que, aos olhos do grande público, a concepção de mundo de Scheurmann angariou um toque de profundidade. Desde então, o fictício insulano ocupa um lugar fixo no campo dos debates de *Kulturkritik*.

Antiautoridades

Do mesmo modo como todos conhecemos alguma pessoa cujas opiniões temos em alta consideração, também existem pessoas com cujas idéias e concepções a maioria de nós não quer ser de modo algum relacionada. Enquanto uma idéia que vem em >boa companhia< é mais valorizada, ser relacionada com uma >má companhia< pode significar a ruína para uma idéia.

Mas o que quer dizer aqui >má companhia<? Assim como cada grupo tem suas próprias autoridades, cada grupo tem também suas próprias antiautoridades. Deve-se conhecê-las, para saber colocar com sucesso opiniões em determinados >nichos< e poder, assim, depreciá-las.

Nesse contexto, são usados sobretudo o Terceiro Reich e seus representantes. Opiniões que podem ser ancoradas nessa concepção

facilmente tornam-se suspeitas, comose pode perceber no caso da discussão sobre a eutanásia. Elas podem, assim, ser banidas completamente do campo do debate público. >No Terceiro Reich também se diria isso< é uma fórmula até hoje utilizada em muitas discussões como argumento avassalador.

Caçadores de bruxas e Iluministas

Argumentos que se baseiam em autoridades sempre podem ser contestados. Pode-se lançar mão de outras autoridades que tenham sustentado o contrário, ou pode-se enumerar motivos que evidenciem por que uma ou outra autoridade não sejam confiáveis. Pode-se também ser radical e colocar em dúvida o assim chamado *argumentum ex auctoritate* (fundamentação pela referência a uma autoridade) como tal. A pessoa esclarece, então, considerar importante o fato de construir uma opinião por si própria. Na filosofia, já houve mais de uma vez autênticas rebeliões contra as autoridades. A mais conhecida delas ocorreu durante o Iluminismo. Os iluministas acreditavam na importância de se pensar com autonomia e criticavam o hábito de se adotar às cegas juízos de outros, pois isso poderia facilmente levar a decisões equivocadas. O Iluminismo não se estabeleceu no século XVIII a partir de especulações teóricas, mas ao acordar da histeria coletiva relativa às bruxas. Ele se constituiu como luta contra a queima de bruxas na fogueira. Seu primeiro protagonista heróico foi o jurista e filósofo Christian Thomasius (1655-1728). Ele era professor de direito na Universidade de Leipzig e acreditava, inicialmente, na existência de bruxas. Em alemão arcaico, ele explica: «Eu estava, então, tão convencido da teoria geral sobre a natureza das bruxas, que teria mesmo jurado que as bruxas geram elfos junto com o diabo, com quem saem voando pelos ares em direção à Blocksberg.» De fato, em 1694, em um processo que lhe foi apresentado para que

desse um parecer, Thomasius considerou uma acusada como culpada. Mas o caso tomou um rumo incomum. O parecer redigido por Thomasius não convenceu seus colegas da faculdade. Eles pediram explicações e, com suas perguntas, surpreenderam Thomasius, que havia querido causar impressão com seu parecer rigoroso. Em que indícios se apoiara? Thomasius tinha dificuldades em se explicar. Por fim, a progressista faculdade decidiu que a suposta bruxa que estava sendo processada deveria ser libertada da prisão. Christian Thomasius não conseguiu impor sua recomendação.

Essa virada em sua carreira - ele havia passado por um constrangimento com seu parecer - deu o que pensar ao jurista. Até então, ele havia acreditado cegamente nos boatos correntes sobre bruxas e o diabo. Thomasius transformou-se de Saulo em Paulo e converteu-se no mais proeminente adversário dos processos de bruxaria na Alemanha.

No ano de 1702, foram publicadas suas *Kurtze Lehrsätze von dem Laster der Zauberey* (*Breves teses sobre o vício da magia*), que culminavam na exigência de que todos os processos de bruxaria fossem revogados, uma vez que não existiria a bruxaria. Sua luta, levada a efeito através de vários escritos e com alto risco pessoal, enfim, teve sucesso. Os processos por bruxaria foram extintos - primeiramente na Prússia e posteriormente em todos os territórios do antigo Império Germânico. Entretanto, Thomasius não se deu por satisfeito: como pudera acontecer que ele próprio tivesse acreditado nesses boatos sem fundamento? Ao buscar responder a essa pergunta, ele se tornou o primeiro iluminista alemão.

O jurista de Leipzig desenvolveu a primeira teoria do preconceito, que foi determinante para toda a filosofia iluminista e continua atual até hoje. Thomasius distinguia duas classes de preconceitos: os da autoridade e os da precipitação. Já a própria

distinção é uma vacina de esclarecimento - ela facilita o trabalho de reconhecimento dos preconceitos.

Os preconceitos que se originam da crença em uma auidridade são, segundo Thomasius, os mais difíceis de se desfazer. «Se uma pessoa, por amor insensato à autoridade humana, absorve uma idéia errônea / é para essa pessoa, que pode ser muito lúcida em outras situações, tão difícil se livrar da idéia, que ela freqüentemente / não quer reconhecer o erro, / mesmo que não consiga ter uma resposta a sua refutação, / e ainda o reverencia, / dizendo que é uma falta de capacidade de sua própria parte / e que aqueles de quem ela hardou a idéia poderiam / defendê-la muito melhor.»

Todas as pessoas são por natureza suscetíveis a preconceitos. Mas por quê? A causa disso se encontra, assim pensa Thomasius, no desamparo dos pequenos humanos. Enquanto pequenos animais, graças a seus instintos, logo conseguem arranjar-se sozinhos, o pequeno humano permanece por um longo tempo dependente de seus pais. Ai Thomasius encontra a causa para a inextinguível disposição humana para a superstição e o preconceito: As pessoas *escutam* falar de muitas coisas antes de chegar a vê-las. «As crianças primeiramente entendem / o que outras pessoas pensam da essência das coisas, / antes de pensarem elas mesmas algo sobre o assunto.» Crianças são, por natureza, crédulas e elas devem mesmo ser assim - esse é o motivo por que «às crianças são ensinadas, ao lado de algumas poucas verdades, necessariamente muitos milhões de erros.» Libertar-se de erros, superstições e preconceitos é, desde os dias de Christian Thomasius, o principal ponto programático do Iluminismo. Esse se resumiria, conforme a frase posterior de Immanuel Kant, «na máxima de, em todos os momentos, pensar por si mesmo». O objetivo seria não confiar em opiniões de segunda ou terceira mão, mas sim no próprio julgamento e na própria experiência. O apogeu do Iluminismo

foi no século XVIII. Mas ele já havia começado antes - com a luta de Christian Thomasius contra a quimera das bruxas.

A crítica do Iluminismo às autoridades não é desprovida de problemas. Ficou demonstrado muito rapidamente que o pensar por si mesmo tem um alcance limitado. Uma objeção corrente contra as grandes expectativas criadas pelo Iluminismo consiste no fato de que o pensamento puramente autônomo não foi alcançado nem mesmo pelos mais rigorosos iluministas. A própria frase: "Tenha coragem de se servir da sua própria razão!", com a qual Kant antecipou o Iluminismo, não foi absolutamente pensada por ele mesmo, tendo sido, isso sim, copiada. Trata-se da tradução de uma máxima romana muito antiga: *Aude sapere!*, que pode ser encontrada em Horácio, por exemplo.

Pensar por si mesmo

Apesar de todo o esclarecimento, a servidão à autoridade não regrediu. Em certos aspectos, ela até mesmo aumentou. O homem moderno acredita em muito mais coisas que só conhece por ouvir dizer do que seus antepassados há trezentos anos. Nunca antes o pensar do indivíduo isolado foi tão determinado por pontos de vista e opiniões que ele adota de outros sem comprová-las ou nem ao menos tendo a possibilidade de comprová-las. Isso não se deve, de modo algum, à preguiça, que, naturalmente, em alguns casos pode aparecer como um agravante. Um fator mais importante é a enorme quantidade de opiniões e informações das quais o indivíduo isolado não consegue mais dar conta. Na sociedade baseada na divisão do trabalho, dependemos, necessariamente, de especialistas.

Com isso, voltamos ao início do capítulo: às convicções do terceiro tipo, que, em comparação com as duas primeiras, seriam

categoria inferior. O sonho do Iluminismo era abolir essas convicções e, ao invés disso, o pensar por si mesmo. Mas isso é praticamente impossível. A tentativa teria como consequência a recusa de qualquer forma de vida social: a pessoa teria de emigrar para o deserto. E nem mesmo isso seria suficiente: Pois, mesmo no deserto, é-se ainda influenciado por lembranças. O raminho mais radical para o Iluminismo seria, portanto, tomar o rolo de massa e bater com ele na própria cabeça até pagar completamente o disco rígido. Desse modo, seria possível liberar-se de todos os preconceitos, mas ao mesmo tempo, diminuiria a capacidade de pensar. Por isso, é mais útil ter desde o início bem claro que o pensar por si mesmo não pode ser conseguido totalmente, mas sempre apenas parcialmente. É impossível recomeçar tudo do zero.

Jogo: Telefone sem fio

1. Vá ao porão de sua casa e procure, nas caixas e baús com coisas esquecidas, pelo objeto mais singular que você conseguir encontrar. Quem sabe uma lembrança de viagem, um floco de poeira, ou um cordel?
2. Faça um esboço desse objeto.
3. Mostre o esboço a um amigo. Depois, dobre o papel, escondendo o desenho, e peça para o seu amigo que desenhe de memória uma cópia do esboço.
4. Pegue essa cópia do seu esboço e leve-a a um segundo amigo ou a um vizinho ou conhecido e peça que este copie a sua cópia de memória. É como no jogo do telefone sem fio, só que aqui são usados desenhos.
5. Repita o procedimento por seis ou sete vezes.

O jogo baseia-se na experiência do inglês Frederic Bartlett (1886-1969), especialista em psicologia social. Ele queria descobrir quanto de uma informação ou de uma imagem resta depois dessa passar por diversas cabeças. O resultado: pouco a pouco ocorre um nivelamento. Detalhes se perdem e no final resta um esquema que é ajustado ao grupo, aos seus modos habituais de pensar e de enxergar. Ficaria apenas um vago >ali-tinha-uma-coisa< -, se não ocorresse também o processo oposto. Pois, na cadeia do relato, não apenas são omitidos detalhes - outros também são acrescentados. Aqueles, aliás, que combinam melhor com a própria versão, tornando-a mais clara e coerente.

Bibliografia

A distinção dos três tipos de convicções foi emprestada da obra *Briefe an eine Deutsche Prinzessin über verschiedene Gegenstände der Physik und der Philosophie (Cartas a uma princesa alemã sobre diferentes objetos da física e da filosofia)*, do matemático Leonhard Euler (1707-1783), publicado em 1768. [Uma edição resumida dessas cartas foi publicada em 1968 pela Reclam Leipzig.] As cartas, cristalinas e maravilhosas, eram dirigidas à Friederike von Brandenburg-Schwedt (1745-1808), uma prima do rei da Prússia, Frederico II, a qual vivia como abadessa de um convento perto de Herford (Westfalen). Quando recebia essas cartas, ela tinha aproximadamente 15 anos. As cartas eram escritas a partir de Berlim, onde Euler se encontrava a convite de Frederico II. Sua tese dos três tipos de convicções, ele desenvolve nas cartas 115 a 120. Sobre Christian Thomasius, uma breve e clara exposição é a de Rolf Lieberwirth em: *Christian Thomasius: Über die Hexenprozesse (Sobre os processos de bruxaria)*, München, 1987. Quanto à doutrina dos preconceitos de Christian Thomasius, consultar sua *Einleitung zur*

Vernunftlehre (Introdução à doutrina da razão), Hildesheim, 1968 [Halle 1691]. A crítica iluminista dos preconceitos é apresentada por Werner Schneiders em: *Aufklärung und Vorurteilsthese (Iluminismo e crítica dos preconceitos)*, Stuttgart - Bad Cannstadt 1983. O caso do Papalagui e algumas outras histórias senelhanes são arrolados em: Gerd Stein [Ed.], *Exoten durchschauhen Europa: Der Blick des Fremden als ein Stilmittel abendländischer Kulturkritik (Nativos de países exóticos descobrem a Europa: o olhar do estrangeiro como um meio estilístico na Kulturkritik ocidental)*, Frankfurt am Main, 1984.

Provocar

Desde os seus primórdios, a filosofia sempre foi uma forma de provocação. Já Sócrates (470-399 a. C.) era considerado uma afronta à sociedade. Sua aparência paupérrima era um desafio – diferentemente de seus alunos, muitas vezes ricos, ele não usava nenhum tipo de adornos e andava descalço, com o que atraía a admiração de alguns e a zombaria de outros. Colocava em questão e fazia troça dos valores usuais, como o sucesso ou a prosperidade. Quando foi acusado e condenado por blasfêmia contra os deuses, ao invés de defender-se com humildade, acusou o tribunal de incompetência e exigiu uma distinção ao invés de uma penalidade, pois seu trabalho junto aos jovens seria uma benção para Atenas. O tribunal não achou graça e decidiu condená-lo à morte por envenenamento.

A história da provocação, porém, não parou por aí. Ela alcançou novos picos com os discípulos de Sócrates. Entre esses, destacava-se o pequeno grupo dos cínicos. Um homem chamado Antistenes (455-360 a.C.), profundamente impressionado pelo desprendimento de Sócrates, a quem conheceu pessoalmente, tornou-se o pai dessa doutrina. Mas foi apenas com seu discípulo Diógenes de Sinope (400-ca.328 a.C.) que o grupo granjeou fama imortal. Ele transformou a desprezível austeridade socrática em um happening.

Diógenes pregava que as pessoas deveriam satisfazer suas necessidades da forma mais simples possível. Acreditava, assim, ter descoberto o caminho mais curto para a felicidade. Na prática, ocorria o seguinte: Diógenes masturbava-se publicamente na praça do mercado de Atenas e observava ser uma lástima não se poder saciar

também a fome de forma assim tão fácil, apenas esfregando-se a barriga.

Diógenes não possuía casa, dormindo uma vez aqui, outra ali, conforme o acaso. Segundo relatos, ele usou como casa, durante um certo período, uma tina de barro da altura de uma pessoa, que ficou famosa como o barril de Diógenes. É nesse barril que Diógenes aparece retratado na única imagem antiga que conhecemos dele: um medalhão no centro de um mosaico, que pode ser visto no *Römisch-Germanisches Museum* da cidade de Colônia. Diógenes alimentava-se de ervas, azeitonas e pão de cevada e trajava um manto de lã, de resto andava nu. Adorava mostrar aos outros o dedo médio em riste, num gesto obscuro, tendo antecipado, assim, uma parcela da cultura *punk*. Na companhia de outras pessoas, gostava de peidar de quando em quando - o que levou os atenienses a alcunhá-lo de cão, pois o cão, mijando onde tem vontade, mastigando restos de comida e praticando suas atividades sexuais em público, parecia-lhes ser, dentre todos, o animal mais ordinário. Diógenes tomou o insulto como um título honorífico. Quando morreu, seus discípulos ergueram-lhe um monumento encimado por um cão. O animal passou a designar toda a sua escola - o nome cínico é derivado da palavra grega *kynikos*, que significa canino. Mais tarde, então, originou-se daí a designação *cínico*. Mas o cínico de hoje é simplesmente um debochador impiedoso, enquanto o cínico da Antiguidade era, ao mesmo tempo, um filósofo e queria que suas ações fossem compreendidas como contribuições à discussão, como protesto.

Diógenes era conhecido por sua graça e pelas respostas espirituosas na ponta da língua. Quando Alexandre, o Grande (356-323 a.C.) foi a seu encontro e lhe perguntou que desejo ele, o grande rei, poderia lhe satisfazer, Diógenes apenas piscou os olhos e disse: "Que não me tapes o sol." Mas ele não se limitou aos ditos de efeito. Diógenes escreveu tragédias inteiras, naturalmente todas com um

toque cínico, e conta-se que redigiu inclusive um texto intitulado *Política*. Nesse escrito, todos os valores sociais tradicionais são virados pelo avesso e a instituição do matrimônio, base do Estado, é vista como um costume a ser abolido. Como alternativa, ele propõe a prática do amor livre, em que todos se relacionam com todos, ou seja, o vizinho com a vizinha, mas também o filho com a mãe ou o filho com o pai. Certamente, uma tal concepção de amor livre acarretaria problemas, mas esses também foram considerados pelo arguto Diógenes. Uma vez que - conforme explica -, em uma comunidade de amor livre, não se pode decidir de quem é cada criança, todos podem se considerar como pais e, conseqüentemente, todos juntos deveriam se ocupar da educação dos pequenos. Ele também não vê objeções que possam impedir que se coma a carne dos mortos e sugere uma lei permitindo que os filhos matem seus pais.

Suas tragédias também seguem essa linha. Elas não chegaram até nós, mas podemos reconstruir parcialmente sua temática através dos comentários de outros autores antigos. Dessa forma, sabe-se que ele escreveu um *Édipo*. Conforme se sabe da versão clássica, ao descobrir que dormiu com sua mãe, Édipo fura os próprios olhos. Diógenes, pelo contrário, que não considera o relacionamento sexual com parentes consanguíneos como algo perverso, dá à história, conforme parece, um rumo positivo. O fato de um filho dormir com sua mãe não tinha, para ele, nada de trágico, devendo, isso sim, ser visto com bons olhos. Devemos, assim, imaginar o seu *Édipo* como um representante prematuro da filosofia do >por que não?<.

Em um outro drama cínico do qual temos notícia, uma pessoa observa que acabou de comer a carne cozida de seus próprios filhos. Mas também aí somos consolados pelo filósofo com a seguinte consideração: "Segundo a concepção correta, tudo está contido em tudo e tudo perpassa tudo: no pão há carne e nos legumes há pão e, dessa mesma forma, através de certos poros invisíveis, uma grande

quantidade de substâncias penetra em todos os outros corpos e é, também, expelida logo a seguir." E se isso é verdade, conclui Diógenes, então, não se trata de um questão de princípios, e sim apenas de uma questão de grau na diferença entre ingerir a carne dos próprios filhos e ingerir refeições normais. Ou seja: não há motivos para se afligir com o assunto.

Qual a intenção de Diógenes com seus dramas? Recunhar as moedas, esclarecia o autor. Isso tem em grego um duplo sentido: *nomisma* não significa apenas moeda, mas também costume. E, de fato, Diógenes virou pelo avesso os costumes correntes na época.

E como teve continuidade a história das provocações? Depois dos cínicos, sumiu de cena por um certo período a filosofia rebelde. Algumas gerações após Diógenes, Atenas foi conquistada pelos romanos. A filosofia precisou de séculos para recuperar-se disso. Então veio a Idade Média, na qual a filosofia renasceu, mas nela havia pouco espaço para o cinismo ao velho estilo. Deixemos, então, o barril de Diógenes e voltemo-nos diretamente para a *Kommune 1*, a "comunidade de jovens maoístas" que se constituiu nos anos 60 na Niedstraße 14, junto à Stuttgarter Platz, em Berlim. Essa era formada predominantemente por membros de um grupo ultra-esquerdista originário de uma cisão da SDS (*Sozialistischer Deutscher Studentenbund*), liga de estudantes alemães socialistas. O programa dos fundadores da *Kommune 1* era idêntico ao dos antigos cínicos: protesto, revolução, amor livre. Hans-Dieter Kunzelmann, fundador da *Kommune 1*, em resposta à pergunta de um jornalista, explicou, na época, os objetivos da comunidade: "Eu tenho dificuldades em chegar ao orgasmo e gostaria que isso se tornasse público."

Mas os objetivos da coluna não se resumiam às dificuldades de orgasmo de Kunzelmann. Em panfletos com o título "Quando vão pegar fogo as grandes lojas de Berlim?", os integrantes da *Kommune 1* protestaram contra a Guerra do Vietnã. Seu texto foi entendido como

uma incitação a atos incendiários e resultou em um processo judicial contra os amigos Fritz Teufel (na época com 23 anos) e Rainer Langhans (na época com 27 anos). O processo foi sucessivamente transformado em uma *performance* pelos dois. A própria entrada dos réus no tribunal já foi um prenúncio do que viria. Rainer Langhans e Fritz Teufel compareceram diante do Tribunal de primeira instância de Berlim fantasiados com incríveis uniformes. Rainer Langhans, com seus cachos artisticamente arrumados, parecia um curandeiro de Papua-Nova Guiné. Ele vestia uma túnica verde-abacate com botões cor de laranja, gola ao estilo Mao e punhos em azul e jeans azul-claro. Através de uma cascata de cachos e detrás de óculos de lentes redondas, espreitavam os olhos de um ratinho triste. Fritz Teufel, por sua vez, trajava uma bata cor de laranja, que chegava quase até os joelhos, com reluzentes botões prateados, enquanto os punhos e a gola ao estilo Mao, ambos em violeta, davam o toque inusitado. Em compensação, cabelo e barba, em uma perfeita unidade, eram discretos e, em seus olhos, a expressão deixava transparecer mais uma silenciosa satisfação do que uma obstinação revolucionária. Da cintura para baixo, ele ironizava as regras ocidentais do vestuário: calças escuras de risca de giz com meias amarelas e sapatos de camurça. Paramentados dessa maneira, os dois estudantes estavam preparados para virar pelo avesso um ritual autoritário.

Algumas piadas com alvo certo, que explodiram no recinto do tribunal como bexigas cheias de tinta, converteram-nos nos verdadeiros comandantes da sessão. Os réus passaram a acusadores e o processo escapou do controle. Tudo começou de forma inofensiva. O juiz presidente Walter Schwerdner, na época com 53 anos e, com isso, representante da geração dos pais¹, iniciou a sessão com o interrogatório de identificação:

¹ N.T. A geração dos pais, nesse caso específico, não é apenas a geração imediatamente anterior, mas a geração daqueles - muitos - que colaboraram com o regime nacional-socialista de Adolf Hitler.

JUIZ SCHWERDTNER Senhor Teufel o senhor tem, agora, a oportunidade de expor com suas próprias palavras o seu histórico e a sua formação.

TEUFEL Hoje é a quarta vez que estou perante o tribunal em um processo político. Meu histórico, portanto, é amplamente conhecido já desde a primeira encenação desse processo, que, na época, fracassou devido à incompetência do tribunal.

PROMOTOR TANKE Por favor, registre no protocolo que o réu Teufel afirmou que o primeiro processo fracassou devido à incompetência do Tribunal. Eu exijo uma punição disciplinar!

TEUFEL ... e, já que o processo fracassou devido à incompetência do tribunal, eu acho muito mais interessante para o esclarecimento desse fato complexo que os membros da promotoria e do tribunal digam algo a respeito de seu histórico e de sua formação. Eu acho que todos aqui têm direito a essas informações. Quanto ao mérito, eu me pronunciarei conforme o caso.

JUIZ SCHWERDTNER O senhor não precisa dizer absolutamente nada.

TEUFEL Não pense que vai ser tão simples assim!

Logo depois, o tribunal pondera sobre a possibilidade de submeter os réus a um exame psiquiátrico. O revide é imediato:

TEUFEL Eu concordo com o exame se os membros do tribunal e o Senhor Promotor igualmente se submeterem a um exame psiquiátrico.

Com isso, têm lugar no tribunal um alvoroço entusiasmado e cenas de tumulto, que fazem com que o Presidente Schwerdtner se sinta obrigado a mandar evacuar o recinto. Apenas mediante a garantia

por escrito dos presentes de não mais perturbarem o seguimento do processo é que a audiência volta a ser pública. E logo segue:

JUIZ SCHWERDTNER Meus Senhores e Minhas Senhoras aqui presentes, nós tomamos conhecimento de sua garantia, e eu lhes peço encarecidamente que não dificultem nossa tarefa. Nós temos confiança de que não faltarão com a sua palavra. Senhor Teufel, o senhor queria prestar um esclarecimento. Eu só lhe peço, porém, que se abstenha de procedimentos como o de agora há pouco.

TEUFEL O Senhor Langhans gostaria de dizer uma coisa.

LANGHANS (irônico) Não sei até que ponto isto é permitido, mas eu gostaria primeiramente de concordar com a solicitação de meu amigo Fritz e de complementá-la com o seguinte: além do exame psiquiátrico dos membros do tribunal, do promotor e dos réus, deve ser feito com os mesmos também um teste de inteligência, cujos resultados completos devem ser publicados em detalhe.

O tribunal, em pânico, se retira, mas logo retorna e condena Langhans a uma penalidade disciplinar. Sua autoridade, entretanto, estava gravemente prejudicada, ainda que os réus posteriormente tenham sido considerados culpados. Para a revolução cultural da geração de 68, o carnaval no Tribunal de Berlim foi um importante acontecimento. Ele mostrou com que facilidade o mundo burguês se deixa intimidar.

O que se passou com os heróis daquela época? Fritz Teufel trabalha hoje como carteiro, entregando correspondência de bicicleta em Berlim. Rainer Langhans voltou-se para o lado esotérico. Mas, ao mesmo tempo, permaneceu um cínico. Ainda hoje, parece não ter perdido o desejo de provocar, de perturbar a ordem estabelecida.

Provavelmente por isso, trinta anos depois do legendário processo e para o horror de seus antigos companheiros, converteu-se de simpatizante da extrema esquerda em simpatizante da extrema direita. Em uma entrevista ao taz, declarou: "Hoje, espiritualidade de verdade significa Hitler." Também pôde ser ouvido nesse mesmo tom em suas aparições em eventos nostálgicos de esquerda, em que representantes da geração de 1968 deveriam ser homenageados, escandalizando os convidados. Além disso, ele fundou um harém e explicou em entrevistas por que essa forma de convivência é enriquecedora para todas as partes envolvidas. Um mestre da afronta pública, que sabe exatamente onde selocalizam os pontos nevralgicos da sua plateia.

Como funcionam as provocações? Normalmente elas se baseiam em uma revolução dos valores vigentes. O baixo é elevado, como o cão no monumento à Diógenes, e o elevado é rebaixado. É importante desenvolver uma percepção para a rede das interdições e convenções dentro da qual nos movimentamos. Isso não é tão simples, pois justamente o óbvio é difícil de se apreender. Resposta espirituosa na ponta da língua e coragem são requisitos obrigatórios. Pois aquele que ataca os acordos tácitos os outros não raro é excluído e perseguido.

Hoje em dia, não é mais tão fácil provocar. Uma sociedade estagnada, com um sistema de valores inflexível, é muito mais suscetível a perturbações do que uma sociedade pluralista. Onde todos podem fazer e deixar de fazer o que quiserem, ninguém mais se assombra com nada. O gesto provocativo se desgasta, ou pior, é abafado pelo aplauso - o provocador vira o bobo da corte de uma sociedade que o reconhece como um dos seus. Não obstante isso, ainda hoje se pode ouvir lá e cá o grito de indignação há milênios conhecido - e isso demonstra que mesmo em uma sociedade liberal é possível ir-se longe demais.

Jogo: Andar descalço

Num dia bonito de verão, tire os sapatos e ande descalço. E isso não apenas em casa, mas também fora, na rua, no calçadão, na escola, na universidade ou no escritório. Assim, você verificará que a maior parte dos caminhos não é apropriada para se andar descalço - mesmo muitas trilhas na floresta são como camas de pregos para os pés nus, devido às pedras. E ainda tem as dores na parturilha e nas articulações dos pés! É como se você tivesse caminhado pela primeira vez em sua vida. Por outro lado, as solas dos pés são estimuladas. Por dias a fio, podem-se sentir os pés quentes.

Quanto às outras pessoas, aquele que anda descalço causa uma impressão parecida com a de alguém que anda nu. Embora pés nus não sejam absolutamente indecentes, eles parecem de certo modo obscenos. As histórias que se pode viver dessa maneira podem ser lidas no site dos descalços (www.barfuss.org). Também na Alemanha, existem muitas pessoas que andam descalças não apenas de vez em quando, mas permanentemente. Para a saúde, isso não representa nenhum problema, dizem os descalços. A pessoa desenvolveria com o tempo uma intuição para pedras pontiagudas, vidro ou pregos. Mesmo no inverno não haveria inconvenientes em se dispensar os sapatos. Somente se recomenda não andar muito rápido quando está frio, para não prejudicar os ligamentos. A tolerância em relação àqueles que andam descalços parece ter se desenvolvido de forma diferente em diferentes países. Na Alemanha e na França, relata Julia Fiona em sua biografia como descalça [que pode ser encontrada no site citado], ela não teria se deparado com dificuldades, mas nos Estados Unidos sim, onde foi inúmeras vezes intimada a calçar sapatos. Mas, como experiente descalça, soube se defender: "Quando estive na Flórida, na primavera de 2001, tive uma discussão

desagradável, em que acabei citando a constituição norte-americana [>Land of the Free ... <] e mencionando que seria impensável que essa permitisse às pessoas portarem armas, mas as proibisse de não portarem sapatos - então, parei de ser importunada”

Bibliografia

Sobre Diógenes de Sínope, a formação é de seu homônimo Diógenes Laércio no livro *Leben und Meinungen berühmter Philosophen [Vida e idéias de célebres filósofos]*, escrito por volta do século III d.C. (traduzido e reeditado p. ex. pela editora Reclam, Leipzig 1997). Alguns outros detalhes são revelados pelo § 20 de *Grundriß der Geschichte der Philosophie*, Band 2/1 (*Compendio da história da filosofia*, volume 2/1), Basel 1998. Sobre a prática da provocação, encontram-se alguns exemplos interessantes e idéias na *Denkschule [Escola de pensar]* de Edward de Bono, Landsberg am Lech 1986 e em outros escritos de Bono. Uma teoria esclarecedora sobre a provocação é formulada por Jürgen Frese em *Einspruch als Anfang im Philosophieren [Contestação como princípio ao filosofar]* em: Vierteljahresschrift für wissenschaftliche Pädagogik, 2003, p. 166-183.

Lógica

«Mas é lógico!» - é uma exclamação que escutamos frequentemente, quando uma pessoa quer convencer outra de algo que lhe parece evidente. Quando a lógica entra em jogo, então o outro não tem mais muita escapatória. Ele tem de concordar. Até aí, tudo certo. Entretanto, aquilo que é vendido como lógico nas conversas quotidianas não raro é objetivamente errôneo e ainda por cima ilógico. Para provar isso, são necessários, naturalmente, alguns conhecimentos.

A nossa lógica provém dos gregos. A palavra >lógica< deriva do grego *logos*, que significa, mais ou menos, um discurso racional. Aristóteles foi considerado por muito tempo como o fundador da lógica. Hoje, nós sabemos que outros pensadores da Antiguidade - os estoicos - também contribuíram de forma independente para o desenvolvimento da lógica. Mas isso não diminui em absolutamente nada a contribuição de Aristóteles. Em um escrito intitulado *Primeiros Analíticos*, ele desenvolveu um sistema de conclusões lógicas. Esse foi durante dois mil anos a base incontestável para argumentações científicas. É difícil encontrar outra produção intelectual que tenha gozado durante tanto tempo de um prestígio tão inquebrantável.

Apenas no século XX, ocorreram novos desenvolvimentos no campo da lógica. Novos sistemas foram desenvolvidos até chegar-se às denominadas lógicas não-clássicas, em que algumas tradicionais leis da lógica não eram mais válidas. Além disso, iniciou-se um processo de radical matematização da lógica. Os novos sistemas,

altamente complexos, são base para diversos empregos técnicos, especialmente no campo do processamento de dados.

Para o debate filosófico, esses novos sistemas são menos relevantes - salvo em áreas específicas. Quase sempre se consegue dar conta do recado com alguns elementos da lógica clássica. No seguimento, quero ater-me à lógica aristotélica. O recomendável é fazer-se de início uma exposição sistemática dessa - pois somente assim se obtém uma visão geral da teoria. Exemplos podem, então, ajudar a esclarecer a estrutura formal.

O matemático Leonhard Euler [1707-1783] desenvolveu no século XVIII um útil método de ilustração das estruturas lógicas através de desenhos. Em suas *Briefe an eine deutsche Prinzessin [Cartas a uma princesa alemã]*, expõe as bases da lógica aristotélica de maneira insuperavelmente clara. Ele se serve de círculos para ilustrar as conclusões lógicas. Aquilo que os lógicos demonstram à custa de grande empenho é de tal modo colocado em imagens, que se torna diretamente evidente. Isso representa uma simplificação substancial, que adotarei a seguir. Do que se trata? A lógica aristotélica se ocupa da questão sobre como chegar, a partir de proposições dadas, a uma nova proposição. E isso de modo que a nova proposição decorra como conseqüente *necessário* das antecedentes.

Por proposição, entende-se uma frase na qual a um termo - denominado sujeito - algo é atribuído ou algo é sobre ele negado. Normalmente, o sujeito e o predicado são *conceitos*. Ao contrário de nomes próprios, eles não se referem somente a objetos individuais, e sim resumem diversos desses em uma totalidade. Talvez seja indicado lembrar aqui que algumas proposições não se deixam apreender neste esquema, a saber aquelas que se referem a acontecimentos. Assim, na proposição «es schneit²», o «es» desempenha simplesmente o papel de

um sujeito fictício. Ou seja, a lógica aristotélica, em sua base, efetua uma simplificação. Não se trata, todavia, de uma simplificação aleatória, mas de uma simplificação inerente à gramática das línguas européias.

Assim, uma proposição afirma ou nega algo - por exemplo a proposição «Todo *spekulativus* é uma bolacha». Temos, aí, dois conceitos: >*spekulativus*< e >bolacha<. Ambos os conceitos são colocados em relação através da proposição - ou melhor - >*spekulativus*< é o sujeito, que é definido com mais precisão pelo predicado >*bolacha*<.

A proposição «Nenhum *spekulativus* dura eternamente» é uma proposição negativa. Também aí o sujeito é mais precisamente definido - através da negação expressa pelo predicado. Ambas as proposições são universais - elas afirmam algo sobre *todos* os *spekulativus*. Paralelamente às proposições universais, existem ainda as particulares - e também essas podem ser afirmativas ou negativas, como por exemplo: «Algumas pessoas amam bolachas» ou «Algumas não gostam de nada doce». Nessas frases não é dito algo a respeito de todas as pessoas, mas apenas sobre algumas. Na linguagem quotidiana, essa palavra significa *pelo menos dois/duas*. Na lógica ela é ainda mais reduzida, significando *pelo menos uma*.

Desse modo, distinguem-se, na lógica, quatro tipos diferentes de proposições:

- Todos os A são B - proposição universal afirmativa
- Nenhum A é B - proposição universal negativa
- Alguns A são B - proposição particular afirmativa
- Alguns A não são B - proposição particular negativa

Todas as proposições envolvem os dois conceitos - A e B -, que são denominados termos da proposição. O primeiro termo é, conforme mencionado, o sujeito - aquele de quem algo é afirmado ou

² N.T. A tradução de "es schneit" seria "neve" ou "está nevando", ou seja, uma oração sem sujeito no português. No alemão, embora sem um agente, a oração "es schneit" necessita do "es" na posição de sujeito gramatical, que não pode ficar vaga.

negado. O segundo conceito é o predicado – é aquilo que é atribuído ou negado.

Na proposição “Bolachas são doces”, o sujeito seriam as bolachas e doces seria o predicado. Podemos ilustrar os quatro tipos de proposições através de pequenos círculos, tornando mais claro o seu sentido. Uma vez que um conceito como bolachas inclui uma diversidade de objetos individuais isolados, pode-se imaginá-lo como um espago no qual todas essas bolachas individuais estão incluídas. Podemos desenhar um círculo e dizer que ali dentro estão todas as bolachas – uma gigantesca lata de bolachas, por assim dizer (alguns lógicos falam, nesse caso, do “universo das bolachas”).

Jens Soentgen

nasceu em Bensberg, Alemanha, em 1967. Estudou Química, e fez doutorado em Filosofia. Atuou como professor em diversas universidades alemãs, e esteve várias vezes no Brasil, como professor convidado em universidades locais.

Desde 2002 é diretor do Wissenschaftszentrum Umwelt (Centro de Estudos do Meio Ambiente) da Universidade de Augsburg, Alemanha.

PENSAR

РАЗМЕР